

Centro Universitário Campo Limpo Paulista – UNIFACCAMP

Geovanna Caroline Silva Ortiz – 27322

Jornalismo – 5º Semestre

Jornalismo Comunitário

Projeto artesanato – Sinônimo de amizade e carinho

Campo Limpo Paulista

2019

Artesanato como sinônimo de amizade e carinho

*No projeto local, todas ensinam o que sabem, não há professor e sim trocas de experiências.
Além do produto, o artesanato promove vínculo social*



Cada integrante realiza um artesanato que mais agrada na roda de conversa. (Foto: Geovanna Caroline)

Em uma tarde ensolarada de outono, 26 de março, tive a oportunidade de participar de um dia com o grupo de artesanato. O quiosque na Unidade Básica de Saúde (UBS) Jardim das Tulipas em Jundiaí, localizado próximo ao Parque Botânico Tulipas serve como local de encontro para o projeto artesanato. Cercado por árvores, pássaros e com vista pra rua, o quiosque torna-se um ambiente agradável aos frequentadores.

O grupo de artesanato acontece todas às terças-feiras das 14h às 16h. Um pouco antes das duas da tarde, já é possível identificar algumas mulheres com seu material, prontas para mais um dia de atividade. As responsáveis pelo projeto são Ana da Silva Ortiz, 55, e Elizabete Ávila, 59, ambas Agentes Comunitárias de Saúde atuante na UBS Tulipas.

No projeto são desenvolvidos crochê, tricô, trabalhos com fitas, pintura em tecido e objetos de decoração, muitas vezes utilizam material reciclável. O grupo existe há 15 anos e consiste em promover uma melhoria na saúde pública do bairro, visto que há uma interação social importante, já que, à medida que há interação, a consequência disso gera alegria, risadas, entusiasmo e também já houveram relatos de participantes que foram diagnosticadas com depressão e obtiveram melhoras no quadro.



Exemplos de bordados. (Foto: Geovanna Caroline)

O grupo é aberto a toda população e conta com uma média de 12 participantes por semana, o que equivale a mais ou menos 50 participantes por mês. O público frequentador é totalmente feminino, aberto a todas as idades. Hoje, participam mulheres de 35 a 70 anos. Homens são bem vindos também, mas no momento nenhum frequenta.

Ana Ortiz, responsável pelo projeto atualmente conta que participa há nove anos, e já considera todas como uma família. “Somos amigas, parceiras, companheiras e damos muita risada.”, comenta. Além de promover o artesanato, o grupo tem como função apoiar e ouvir cada mulher nos problemas do dia a dia, um gesto bonito e empático.

“Se a pessoa vem com determinado problema, e ela falar que quer conversar, dialogar, a gente respeita, paramos tudo e vamos conversar. Outra hora nós falamos uma poesia, ou recitamos um versinho, cantarolamos uma música, é bem dinâmico.”, completa quando questionada sobre o vínculo criado.

Quando novas integrantes chegam ao grupo sem material ou em situação mais vulnerável, as integrantes veteranas fazem um compartilhamento de material e uma ajuda a outra. Também foi citado casos de economia solidária, já que com o trabalho do artesanato, elas conseguem vender os produtos e ajudam a família com uma renda extra.

Um evento muito bacana que acontece, são as comemorações em épocas festivas, tais como: Carnaval, dia internacional da mulher, páscoa, dia das mães, festa junina, outubro rosa e natal. Nesses eventos as participantes produzem materiais específicos. Cestas artesanais para colocar ovos de páscoa, velas, pratos decorativos para o natal, chaveiros para o outubro rosa e tudo mais que a criatividade manda são exemplos de produtos criados.

No carnaval deste ano aconteceu uma dinâmica no grupo, várias marchinhas foram tocadas e todos se fantasiaram para entrar no ritmo carnavalesco. Diversas mulheres nunca tinham participado do carnaval, e relataram que foi uma descoberta muito boa. O natal é a comemoração principal. Cada integrante leva um prato de comida, e todas se reúnem em roda

para comentar e agradecer sobre o ano. Há declamações de poesias, dinâmicas sobre amizades e sempre é dado a todos uma recordação de fim de ano.

Neste dia da visita, as integrantes estavam iniciando um novo desafio, a pintura em tecido, Beatriz Seren Cágoli, 62, mais conhecida como Bia, a única participante que sabia pintar e conhecia as técnicas, ensinava as outras. “O importante é que eu passe para frente, e que essas pessoas ensinem a próxima geração, porque eu não posso morrer e levar comigo o que eu sei. Eu ensinando, também estou aprendendo.”, comenta Bia.

Quando questionei as participantes sobre o que mais gostavam, muitas relataram sobre a amizade criada, o que mais me impressionou. O vínculo não se dá somente pelo artesanato, mas sim pela amizade que elas conquistam.

“A gente aprende muita coisa, mas eu gosto mais é da amizade, desse convívio, da experiência. A gente não vê a hora de chegar terça feira para as duas horas a gente já estar aqui.”, diz Rosa do Carmo Veloso de Carvalho, 62.

Já Maria Lizena, 64, relata “Eu aprendo muita coisa boa, eu gosto muito é de fazer amizade, acho as pessoas aqui maravilhosas, a gente distrai demais, a gente não vê a hora de chegar terça feira e vir aqui pra ver as coisas bonitas, dar risada, conversar, passar o dia gostoso.”

Maria também conta que nunca havia pintado em tecido, mas gostou da experiência. “Aqui no grupo eu faço de tudo, estou pintando hoje, e nunca tinha pegado num pincel. Só pegava no pincel pra passar o óleo nas minhas tortas para enfeitar.” completa.



Maria Lizena faz pintura em tecido pela primeira vez. (Foto: Geovanna Caroline)

Maria José Adão, 65, a mais nova integrante comenta sua experiência. “Participo há dois meses. Estou adorando fazer amizades, antes eu não tinha muitas, agora converso com todas.”.

Um caso especial e motivacional foi Rosângela Dantas de Sá, 57, que superou a depressão após frequentar o grupo. “Tive começo de depressão, e a médica me indicou o grupo,

aí vim participar, sem saber fazer nada, e hoje aprendi muito. Esse convívio me ajudou a superar essa doença.”

Ter a oportunidade de participar e conhecer esse projeto a fundo foi gratificante, mesmo sendo um projeto de pequeno porte, no qual só o bairro tem conhecimento, pude ter um novo olhar sobre a humanidade. As mulheres não se reúnem apenas para produzir e vender, elas se reúnem para conversar, manter um vínculo, uma amizade, passar uma tarde diferente, e isso é o que é mais impressionante. Em nenhum momento as vi usando celular ou qualquer aparelho eletrônico, elas se desligam de tudo apenas para se concentrar em seu bem estar. Um exemplo de projeto para ser levado a todos os lugares. Uma forma de interação que gera arte, cultura e conhecimento. Um conhecimento rico em experiências e conversas.

Falar sobre o futuro ainda é uma incógnita, mas para Ana, o futuro será promissor. “A gente quer desenvolver trabalhos inovadores, como patchwork, bolsas, carteiras e camisetas, algo de uso pessoal, que todas possam usar no cotidiano.”, finaliza a responsável.

Outras participantes que estavam presentes foram: Judith Molinari, 66, Silvia Cardoso, 36, Natalina Garcia, 55 e Maria Ramos Martins, 68.



Artesanatos expostos durante evento no fim de ano. (Fonte: Ana Ortiz)

Nos bastidores: Artesanato também é diversão

Além do seu trabalho, Ana Ortiz, responsável pelo projeto utiliza do artesanato como forma de lazer no dia a dia



Ana Ortiz, responsável pelo grupo participa da pintura em tecido para interagir com as colegas. (Foto: Geovanna Caroline)

Ana da Silva Ortiz, 55, é responsável pelo grupo de artesanato há nove anos. Trabalha há dez anos como Agente Comunitária de Saúde (ACS) na Unidade Básica de Saúde (UBS) no Jardim das Tulipas, em Jundiaí, São Paulo. É estudante EAD de Serviço Social pelo Centro Universitário Internacional (Uninter), área na qual relaciona seu trabalho com políticas públicas.

Ana conta que quando era mais jovem não tinha contato com o artesanato em si, mas com o passar do tempo, já atuando na UBS Tulipas, ela enxergou um grande diferencial de como a arte pode influenciar na vida de cada pessoa, e a partir daí, começou a pesquisar mais na internet sobre produtos, linhas, agulhas, tudo que envolve esse meio, também está atenta na televisão e em revistas.

“Eu aprendi muito com elas porque determinados trabalhos eu sei e elas vem com outros tipos que vê na internet, inclusive temos o grupo de artesanato no WhatsApp e nos comunicamos muito por lá. Então é uma troca de experiências, elas ensinam, eu aprendo. Eu ensino, elas aprendem.” relata.

Por estar inserida nesse ambiente, muitas pessoas da própria família ajudam doando linhas, retalhos, botões, tudo para auxiliar as mulheres e manter esse projeto. Por isso, aos finais de semana, com tempo livre, Ana opta por costurar, fazer fuxico ou algo que a distraia da correria do dia a dia, logo, não considera o projeto como algo do trabalho, e sim do lazer.

Durante o dia no grupo de artesanato, tive a chance de fazer uma pergunta pessoal para entender como o trabalho na UBS se relaciona com o projeto. “No meu trabalho como ACS eu sinto que tem mulheres que estão em casa e que poderiam estar fazendo alguma atividade extra. Percebo que melhora muito a qualidade de vida delas depois de um certo tempo. A pessoa relatar que tomava x comprimidos e hoje toma uma dose bem diminuída, que tinha depressão e

agora melhorou, que dá risada, que antes tinha crise de choro e hoje não tem mais, isso não tem dinheiro que pague.” desabafa.

A motivação vem dessas pequenas atitudes, muito além do produto, o artesanato influencia na vivência. Ele proporciona momentos de distração, de contato físico, de conversas, algo que está escasso no mundo tecnológico. Exemplos assim devem ser a deixa para repensarmos nosso tempo.